1. A ÉTICA UTILITARISTA DE STUART-MILL

I

AVALIAÇÃO DE CASOS CONCRETOS

1. O utilitarista defende o princípio de que uma ação é boa se contribuir para um maior felicidade geral do que outras ações alternativas. Imagine que tenho muito dinheiro no banco. Devo, na perspetiva utilitarista, retirá-lo todo do banco e dá-lo a pessoas necessitadas contribuindo assim para uma maior felicidade geral?

A ação correta é sem dúvida a que maximiza a felicidade, a que contribui para a maior felicidade para todos, incluindo eu – o agente. A minha felicidade é tão importante como a felicidade dos outros – não é nem menos importante. Por outro lado, a relativa miséria em que eu ficaria – suponhamos que sem casa, sem dinheiro para comer – superaria a felicidade criada por dar a uma grande quantidade de pessoas uma pequena quantidade de dinheiro. Embora o utilitarismo afirme que alguns sacrifícios são moralmente exigidos não defende que devo sacrificar tudo pelos outros. Com efeito, se dou tudo não poderei continuar a ajudar os necessitados o que reduziria a quantidade global de felicidade.

2. Manuel passeia pela margem de um rio que na altura apresenta um grande caudal embora as águas não estejam agitadas. Subitamente ouve alguém gritar por socorro: uma jovem rapariga debate-se desesperadamente para não se afogar. Manuel não sabe nadar. Após um momento de desorientação procura ajuda. Felizmente é bem-sucedido e encontra alguém que, embora com grande dificuldade, salva a vida da rapariga.

a) Como seria avaliado este ato numa perspetiva utilitarista?

R.: Numa perspetiva utilitarista o acontecimento seria avaliado pelas suas consequências. Manuel, apesar de não saber nadar, contribuiu para salvar uma vida e ao mesmo tempo para impedir o sofrimento das pessoas que gostavam ou que de algum modo estavam ligadas à jovem rapariga.

b) Como seria avaliado o ato do Manuel se não tivesse conseguido encontrar ajuda e salvar a rapariga?

R.: Como na perspetiva utilitarista o critério da moralidade dos atos é o que deles resulta – as consequências –, a avaliação não seria positiva. Poderíamos falar da boa vontade de Manuel, da sua disposição para ajudar mas, para um utilitarista não é o caráter da pessoa que conta na avaliação moral dos atos. O que importa é isto: quis ajudar e não conseguiu. O resultado foi o mesmo do que se tivesse ficado indiferente e seguido o seu caminho.

3. Suponha que duas pessoas caem de um barco e estão em risco de se afogar. Não tem tempo para salvar os dois. Leva tanto tempo a decidir-se, ponderando imparcialmente quem socorrer que a certa altura é tarde demais. Na perspetiva utilitarista, agiu bem?

R.: Não. Há situações que exigem decisões rápidas e pensar demais nas consequências do que faremos pode resultará eventualmente da nossa indecisão.

4.Suponha que o Miguel quer comprar um televisor LCD, mas não tem dinheiro suficiente. Durante um jantar de aniversário repara que um amigo tem várias centenas de euros na carteira. Mal a oportunidade surge apodera-se da carteira e rouba quase todo o dinheiro que esta contém. Podemos dizer que Miguel agiu bem?

R.: Imagine que o amigo do Miguel é muitíssimo rico e que a sua irritação por perder o dinheiro será menos intensa e menos duradoura do que o prazer do Miguel por ter conseguido comprar o televisor. Além disso, sendo rico é muito provável que rapidamente esqueceria ter sido roubado. Ponderando estes fatores, Mill consideraria correto o ato do Miguel? O princípio da «maior felicidade» não implica cegueira moral nem a defesa de atos moralmente deficientes ou repugnantes. A avaliação do prazer não é, em Mill, puramente quantitativa. Neste caso, Miguel agiu por razões meramente egoístas. Só teve em conta o seu bem-estar.